



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico Tahaba — Lisboa • Telefone?

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

REGIME DE INCOMPETÊNCIAS

Violência, violência, sempre violência: é o programa governativo da burguesia

Os ministérios que ultimamente tem pescado para si, com licença especial de grupos suspeitos, são formados por autênticas nulidades. Chegamos, por vezes, a perguntar a nós próprios se os seus componentes sabem pelo menos soletar.

Perante a gravíssima situação que ora vivevamos; perante a crise das subsistências, da agricultura, da instrução, da higiene, da indústria, da arte, das ciências, os governos cruzam braços, porque nada sabem, porque são ignorantes, porque não ocupam as cadeiras do poder com aqueles patrióticos intuições que as não menos patrióticas folhas de papel sujo, que para si se vendem a metade, lhes atribuem.

A fome é grande e, por esse país fora, vai semeando a revolta, que fará acabar, um dia, a comédia da governança tragicamente.

Reclama-se pão de todos os lados, sofremos em todos os lares, o operariado vê-se na duríssima necessidade de ir para a greve a fim de obter mais uns instantes que lhe garantam o jantar, o almoço, porque já não se pensa noutra qualquer refeição, e os governos incompetentes olham de má cara para as turbas esfaimadas e mandam-las para os jornais que sabem de fôrma segura (porque os governos, à guisa duma publicação em voga, tudo sabem e tudo ouvem) que as últimas greves são animadas de intuições políticas.

Comércio livre é uma afronta

Quando o sr. Granjo subiu ao poder, por todos os cantos do país andou fazendo discurso aos comerciantes e lavoradores, não se cansou de dizer que era necessário ajudar as *forças vivas* que, andam por ai a pedir esmola, cortada.

Se bem o prometeu bem o cumpriu, passado tempo o comércio livre estava garantido. O comércio que até aqui cultava todos os gêneros, ocasionando-lhe absoluta, para que no espírito popular se desenvolvesse o desejo de os gêneros à venda, fosse por que fosse, contanto que os houvesse, começou a apresentar os gêneros com cortada, com um aumento de 100 a 150%.

Se no tempo em que havia gêneros a preço da tabela se vivia mal, que se diga o sr. Granjo como se há de viver agora. Há gêneros, de facto, não para comer porque o dinheiro não nega para os comprar, mas para os contemplar nas montras onde o mercador rapace os expõe a preços fabulosos.

O comércio livre é uma troça, é uma turba, é o estrangulamento dum populo, é a morte, quando a este se não pertence a liberdade de protestar contra a miséria que ele origina, quando não deixá o trabalhador reclamar do capital, o necessário para suportar as despesas arrepiantes que esse comércio obriga a fazer.

A liberdade de pensamento é uma "blague"

Em quanto ao comércio se concedem as facilidades para nos meter tristemente as mãos nas algibeiras e nos levar cédulas e cotâo; em quanto a lavora tem a liberdade denô de protestar, originando a fome em todo o país; em quanto os assambardadores nos prendem, dia a dia, o bacalhau que, por si só, já não pode por mais tempo sonhado, o governo coarta constantemente a liberdade de peiar às classes laboriosas. Por duas vezes já o Granjo, o jornalista, nos amordaçou porque afirmavam verdades. Desses dias usámos linguagem despedida. Não a usámos nunca; temos manha sempre a correção devida ante os adversários. No entanto, se usássemos tal linguagem despedida, ainda temos razão: o escravo tem direito a dizer o arco.

Dará também o sr. Granjo que tudo isto obedece a manobras da C. G. T., inspiradas pela Internacional de Moscovo!

Como são baixos os meios de que o sr. Granjo se serve para defender as suas asneiras!

O governo Granjo, como os antecessores, é um governo de incompetentes

Os jornais burgueses tem coadjuvado invariavelmente os intuições do sr. Granjo, avivando as nossas ideias, mentindo infamemente, e atirando a culpa dos mentiras para as entidades oficiais, donde dizem — partem todos os dias.

Por o governo em execução, com marata a oposição do povo, uma lei-ga, com que se favoreceu, os interesses da Moagem. E o governo em vez de ouvir, como lhe competia, a vontade do povo, tapou-lhe a boca, amordacou-o, e os trabalhadores quiseram reunir

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"



LOCUTORÍO DUM INSURRECTO

Transporte.....	13.023\$44	Transporte.....	13.059,34
Quele aberta pela União Ferroviária — Porto. — Contrabuientes:		Luis Manuel.....	\$150
Eduardo Almeida.....	\$20	Manuel Pinto de Sousa.....	\$50
José Pinto de Magalhães.....	\$20	Manuel Maria.....	\$50
Joaquim Sotilho.....	\$20	Alfredo Sousa de Almeida.....	\$50
Deodato Soares.....	\$20	José A. Martins Cavalheiro.....	\$50
Joaquim Magalhães.....	\$20	Diogo Caiado da Silva.....	\$50
Joaquim Pereira.....	\$20	António Leite 2.º.....	\$50
António Sá da Silva.....	\$20	António Júlio Guedes F. Faria.....	\$250
Manuel G. Lima.....	\$20	Laurentino Ferreira.....	\$100
Joaquim T. da Silva.....	\$20	António Pereira da Silva.....	\$20
Joaquim Teixeira.....	\$40	Abel Maria dos Santos.....	\$20
António G. Bravo.....	\$10	Domingos Joaquim de Sá.....	\$100
José F. Sequeira.....	\$20	Henrique Plácido dos Santos.....	\$30
Manuel P. de Lima.....	\$50	António Gomes.....	\$50
Mariana Vieira (Particular).	\$50	Albano E. Costa.....	\$100
Artur Gómes França.....	\$300	Manuel M. Monteiro dos Santos.....	\$30
Emilio Pires.....	\$100	José Rodrigues Coelho.....	\$50
Alberto Abreu da Costa.....	\$200	António Nunes.....	\$20
António da Fonseca e Silva.....	\$30	Amaro da Costa Ramos.....	\$50
Aníbal Ferreira.....	\$100	Joaquim Duarte Amaral.....	\$50
António Alves.....	\$50	Um guarda fiscal.....	\$50
Francisco José Freitas.....	\$40	Augusto Ferreira Gomes.....	\$50
José Teixeira.....	\$300	Alberto Coelho da Silva.....	\$30
António Minas.....	\$50	Alberto da Rocha Rafael.....	\$30
Luis Gonçalves.....	\$50	Baltazar Barros Blanquet.....	\$30
José Pereira dos Santos.....	\$50	Carlos Teixeira Mesquita.....	\$30
Manuel de Sousa.....	\$30	António Felix de Almeida.....	\$30
(empregado da câmara).		Evaristo Teixeira Peludo (em pregado da câmara).	\$30
Salvador Gonçalves.....	\$50	Joaquim da Silva Garcia.....	\$20
José Rodrigues Leite.....	\$50	Julio Pereira Mendonça.....	\$20
Manuel G. Portela.....	\$50	António Machado.....	\$30
Aurélia Martins.....	\$20	Serafim Pinto.....	\$10
Joaquim da Conceição.....	\$30	Amandio Magalhães.....	\$20
Manuel P. Soares.....	\$50	José Teixeira.....	\$50
David de Oliveira.....	\$30	António Pinto Monteiro.....	\$10
Manuel Paulino.....	\$50	José Coelho Barbosa.....	\$10
Francisco Monteiro.....	\$50	Manuel dos Santos.....	\$60
Manuel A. Alegría.....	\$30	Gilberto Cardoso Pinto.....	\$10
José Ferreira.....	\$10	Manuel M. da Costa Maia.....	\$10
Manuel Pereira.....	\$200	Daniel da Silva.....	\$20
Adelino Guedes.....	\$100	José Francisco Ferreira.....	\$10
Joaquim F. da Silva Reis.....	\$50	José Pereira da Silva 1.º.....	\$50
Manuel Pereira Pinto.....	\$300	Luis de Almeida.....	\$10
Joaquim Pereira.....	\$30	Manuel Pinheiro.....	\$10
Gaudêncio P. Pereira.....	\$40	António Rodrigues Costa.....	\$10
José da Rosa Ferreira.....	\$10	António Costa.....	\$30
António Rebelo.....	\$10	Alexandre Teixeira.....	\$20
António Ferreira da Silva.....	\$10	Alberto Araújo.....	\$30
Paulo Vieira.....	\$50	Um grupo de ferrovários.....	\$100
Manuel P. de Sousa.....	\$20	António Desidério Queiroz.....	\$50
António Manso.....	\$20	António Qualberto F. Araújo.....	\$50
Laurentino L. Moreira.....	\$20	Manuel Salvador.....	\$50
José Augusto.....	\$20		
José Pinto Ribeiro.....	\$100		
António Inácio Júnior.....	\$50		
Luis Pereira da Cunha.....	\$100		
Manuel de Sousa.....	\$100		
José Augusto Cardoso.....	\$50		
Fernando de Sousa.....	\$50		
Hermenegildo de Passos.....	\$100		

A Transportar..... 13.059,34

A transportar..... 13.084,69

NOTAS & COMENTARIOS

Granjo

O sr. Granjo destingue-se pela mentira. Mente a toda a gente, até aos próximos corregedores, que não andam muito contentes com o *ilustre mentiroso*. Ontem botou discurso no *Século*. Disse coisas, muitas coisas; falou de planos tenebrosos da C. G. T. e ordens da Moscova; disse mal dos militares e fez revelações extraordinárias sobre um mês de agitação, promovida ainda pela C. G. T. às ordens de Moscova.

É de nós pedirmos ao sr. Granjo provas do que avançou? Imitaria o *Século* e continuaria a falar de planos revolucionários, porque isso lhe convém para justificar as suas grandes medidas de repressão...

A «costureira». Toda a gente fala que vigiam os seus maridos no trabalho árduo de cada dia, faz crescer pelas planícies alentejanas o trigo que nos falta. Que nos diga todo aquele que paga os gêneros avariados por preços principescos, se a proibição das sessões de protesto contra a ganância dos que nos roubam, com consentimento do governo, que os premiou com o comércio livre, se essa proibição faz descer o custo do que é necessário à vida!

Parce que o sr. Granjo está conveniente de que, proibindo as reuniões operárias, as minas do carvão que tanto faltam nos fazem começo a elaborar; que prendendo os que lutam pela liberdade, as indústrias se desenvolverão; que, assaltando as aulas operárias, o problema da instrução se resolvendo; que, perseguido os tripulantes dos navios, atentando contra as suas liberdades, o mercado se abastecerá; que, favorecendo a Moagem, pagaremos o pão barato!

O sr. Granjo não sabe como resolver a questão económica e social; não sabe o sr. Granjo, nem qualquer outro governo que não rompa definitivamente com o Capital.

Dentro da engrenagem social, de política reles, e interesses mesquinhos de meia dúzia, ninguém resolverá estas momentosas questões. Os governos burgueses só podem trilhar um caminho, o caminho que os conduzirá à perda, à ruína, o caminho da violência. O sr. Granjo não podia tomar outras medidas, senão as que se relacionam com a violência.

Mas o sr. Granjo, como é o incompetente máximo, quer ser também o herói da violência. É um fatalismo: quanto mais estúpido é mais brutal.

É prior que todos aqueles que desejam subir muito, para asombrar as multidões, subir sempre até tocar o mais alto despotismo, nunca escapam da queda... São homens perdidos. Coitados!

Na Mesopotâmia

As mulheres e as crianças recolhem a bordo dos navios

ALLABAHD, 28.—As tropas inglesas que operavam na Pérsia completaram a sua junção.

As mulheres e crianças foram evacuadas da Mesopotâmia e foram recolhidas a bordo de navios que as conduzem para a Índia. — Rádio.

NÃO APOIADO!

LOCUTORÍO DUM INSURRECTO

Na greve das classes marítimas

A greve geral das classes marítimas

O movimento alastrá-se por vários pontos do país — Foram ontem detidas as tripulações dos vapores "Minho" e "Porto Alexandre", resolvendo o comité não tratar com o governo sem que sejam postas em liberdade

O decreto que o actual governo há poucos dias publicou veio provocar a indignação entre a numerosa família dos trabalhadores do mar, que lhe respondem com a paralisação de todos os serviços.

Esse gesto nobre e alto das classes marítimas impõe-se à consideração das que ainda temem em boa conta a dignidade, pois não é impunemente que se afrontam milhares de trabalhadores pelo mero capricho de quem quer que seja.

Não se lembram, aqueles que assim pensam, que os homens caem e as ideias ficam, cada vez mais homogêneas, mais firmes, em todos os que sofrerem as consequências dos maus processos empregados pelos potenziados, abrangendo até os indiferentes à causa social.

Muitos outros temem tentado esmagar a organização operária por variadíssimas formas, atacando-a cobardemente, insinuando, mentindo, criando, no espírito dos mais ignorantes uma atmosfera de antipatia, provocando assim o seu esfacelamento.

Mas, apesar de todos esses processos baixos adotados por uma infinitude de grandes homens de estado, nunca conseguiram vir satisfeitos os seus desejos, porque sempre caíram enleados.

Resolveu o comité que uma fragata, apesar de todos os esforços, não consegue ir a bordo daqueles barcos, se negasse a fazer serviço, atracar, tentar.

Assim, além de Lisboa, Póvoa e Leiria e várias localidades do sul, a quem se tem referido, recebeu o comité comunicação que em Setúbal, S. Martinho, Viana do Castelo, Vila do Conde, Afurada, Aveiro e Furadouro os marinhos abandonaram a trabalho, solidarizando-se com os seus camaradas de Lisboa.

Como ontem dissemos, foi uma comissão que entendeu-se com o presidente do ministério, sobre a revogação do decreto, que respondeu preferir demitir-se a revogá-lo. No entanto disse que o iria aclarar, tendo um dos comissionados acentuado que a melhor aclararia que podia fazer era reduzi-lo a branco, pois mais claro não se exige.

O comité resolve transportar faina para o Seixal

A situação social na Itália

A C. G. T. tenta escamotear o movimento — Vai correr o sangue

Quem são os culpados

Separaramos da Itália enorme distância. No entanto, para nós cuja pátria é todo o mundo, o movimento dos operários italianos, nossos irmãos de miséria e sofrimento, é dum importância extraordinária. Com febre ancedade percorremos com a vista os jornais que relatam o movimento.

Após desse jornal estamos bem ao corrente da situação e os nossos corações confrangem-nos, nosso lábios saem espontâneas palavras de indignação e de revolta ditadas pelo dôr, dôr verdadeira, sentida, por vermos o caminho que os acontecimentos tomaram num grado a bôa vontade dum ministro consciente que luta desesperadamente para vêr se consegue evitar a perda total do movimento.

Na Itália atravessa-se, com efeito, uma hora grave. Egrave principalmente porque se presta a todos os desmimos, a tódas as críticas, a tódas as desconfianças.

De um lado uma massa pronta para entrar em ação, armada como nunca o esteve, entrincheirada nas oficinas transformadas em autênticas fortalezas que a polícia só a custa de muita vida poderá conquistar. Um estado de espírito excelente, uma consciência perfeita do objectivo imediato e um atrevimento magnífico devido ao facto de se ter conseguido, pela primeira vez, uma real conquista.

As bandeiras vermelhas e negras da revolução e do comunismo ondulando livre e audazamente nos lugares que ainda ontem eram as prisões do capitalismo industrial. O exército francamente pronto a fraternizar com a massa proletária que faz parte. A burguesia assombrada mas afectando uma clínica indiferença, o governo mascarando a sua impotência com o manto da neutralidade.

O movimento pronto a estender-se ao primeiro grito da palavra de ordem: os mineiros, os electricistas, os empregados dos eléctricos, os operários despedidos das categorias prontas para seguir o impulso dado pelos metalúrgicos, apoderando-se das minas, dos meios de comunicação, das fontes de energia eléctrica, das oficinas, de tódas as oficinas.

Os camponeses prontos para invadir os campos, as terras cultivadas e cultiváveis, proclamando-as bem comum. Os marítimos prontos para se apoderarem das embarcações, os ferroviários das grandes redes terrestres de comunicação e transporte.

O proletariado, em suma, mordendo o freio impaciente e que em parte se apodera já, sem esperar ordens formais, das fábricas de calçado, dos laboratórios químicos, das minas de carvão, dos estabelecimentos de tecidos...

Uma situação, em suma, não só das mais favoráveis para uma tentativa revolucionária no sentido genérico, ou — digamos — romântico da palavra; mas — o que aos anarquistas e sindicalistas mais importa — uma situação muito mais propícia para a verdadeira revolução por nós preconizada: a revolução social mediante a expropriação e a abolição da propriedade privada e a instauração do comunismo.

E em frente de tudo isto, em frente destas múltiplas circunstâncias favoráveis, em frente da magnífica imponência da luta, em definitivo e da decisão da massa, da sua verdadeira e rápida compreensão dos fins a atingir, da imparcialidade e fraqueza dos "poderes constituidos" e dos elementos da reacção, o que vemos?

Alguns homens — meia dúzia de homens — que por terem sido já há anos os estupriados e mais ou menos metódicos burocratas dum centralístico organismo, tam complicado quanto antiquado, a que se dá o nome de Contadaria Geral do Trabalho, atiram com o peso dos seus cargos, com a influência do organismo que pretendem representar, para a balança da situação, para pôr um freio com uma radical votação — dada a conjuntura — isenta de sinceridade, ao nôbre e espontâneo impeto da massa, já colocada no caminho directo da sua emancipação!

Um punhado de cobardes, de verdadeiros parasitas do movimento social, sem capacidade para verem mais além das mesquinas rivalidades por questões de salário ou de horário de trabalho, incapazes de conceber o progresso social fora do contínuo crescendo das normas burocráticas, dos regulamentos e das leis destinadas a entregerem os trabalhadores, mãos e pés ligados, ao provedor universal: o Estado. Homens para quem o espírito de revolta é um impulso que pede freio, quando não é um delito e para os quais a dignidade humana farta de servilismo é um anachronismo que deve ser combatido até com a mentira, se preciso for com a traição.

São assim os homens que tentaram perturbar o magnífico despertar do proletariado italiano, assistindo ao qual as nossas almas desponham a mais ardente esperança duma próxima realização daquela transformação social que muita gente classifica de utopia.

Fizeram estes homens uma tentativa, apenas uma tentativa, de deter aquele belo movimento. Porque ainda que as escusas combinações, as intrigas, os falsos destes sabotadores da revolução conseguissem paralisar este início de movimento, pelo menos não se perderia tudo. Mesmo que hoje as oficinas ocupadas — ou parte delas — fossem obrigadas a render-se e aquelas que quisessem resistir fossem constrangidas a capitular amanhã, não significa isso que a luta não prossiga da mesma forma.

O facto, já agora verificado, de que durante algumas semanas milhares de trabalhadores se tornaram senhores das fábricas e que muitos outros milhares estavam a ponto de fazer outro tanto, calou até no ânimo das mais ignorantes camadas operárias. Será inútil tentar persuadi-los de que não poderão passar sem um patrão que as explore — seja sob a forma de sociedade anônima ou até com o simulacro dum nova rídicula a que se chame fiscalização sindical.

A massa não se resignará. E descoberto o engano a que levaram os seus maiores — que raciocinam simplesmente e não gosta de complicações — não tardará em mostrar o seu ressentimento e a

Marinha Mercante Nacional

Num diário da manhã, saiu ontem uma troca de impressões havidas com o presidente do ministério, filha dum "encontro fortuito", onde ex.º analizou a atitude dos oficiais de marinha mercante perante o conflito que ora se está dando e que envolve a classe marítima na totalidade.

Desde a questão havida com os navios de pesca, é terminada há uns dias, até à celebração decreto publicado há dias e que originou o mais veemente protesto e a declaração da greve de toda a marinha mercante, ex.º expôs a um redactor desse diário, não só com o simples lím de dar uma informação, mas aliando a ela o vitória, fazendo declarações menos veradeiras, filhas do delírio de quem tem a honra de mandar, querer e poder...

S. ex.º afirmou que «a Liga dos oficiais de marinha mercante é hoje um centro de agitação revolucionária». Labora num érro.

A marinha mercante, que desde as eras mais remotas nunca sentiu germinar dentro do seu organismo a política mesquinha que mais ou menos tem avassalado a sociedade portuguesa, hoje conserva-se, como sempre, indiferente, em completo afastamento às lutas políticas, aos ideais revolucionários. Dentro da Liga dos oficiais de marinha mercante trata-se unicamente do interesse da classe, do ressurgimento da marinha de comércio.

Discute-se, fala-se, ordeiramente.

O que s. ex.º deseja é indisponível a opinião pública, fazê-la afastar por completo da razão que assiste e que se impõe à marinha mercante.

O passado glorioso da marinha mercante não o quer esquecer, nem de parte, a chafurdar-se na poça exagnada da politiquice.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

A marinha mercante trabalha e quer trabalhar. Junto ao grosso volume da história da Humanidade os mais belos feitos de heroísmo, de abnegação e de desinteressado amor durante a conflagração europeia, e não quer perder na paz as altas qualidades que demonstraram na guerra.

Se a marinha mercante hoje se encontra imobilizada por uma greve a que se largou, é porque viu na publicação dum vexatório decreto que é uma humilhação, um labêu lançado ao seu rosto impoluto, ao seu carácter de brio e orgulho inexcedíveis.

J. O. Maia ALCOFORADO

Contra as ordens dos "moderados" alastram o movimento e inicia-se a resistência

As ocupações das fábricas continuam a despeito das complicadas combinações que os chefes entendem dever fazer com os industriais. Os operários indignados sim armam-se febrilmente, preparando-se para a fraternização.

Trabalha-se afanosamente no material de guerra tendo-se construído milhares de metralhadoras que são logo postas na defesa das fábricas ocupadas pelos seus legítimos senhores: os operários. Por sua vez o governo toma providências para "mantar a ordem", denunciando os rebeldes e os que se opõem ao regime.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.

Os peitos de cada marítimo são muralhas inexpugnáveis onde se fragrantem e reduzem a todos os labêus que lhes lançam, todas as ameaças que lhe tentam arrengessar.

Quer viver livre, sem ser preso aos olhos farrapados das imposições políticas e dos partidos.